

A Mesa da Palavra explicada

Pároco Albino Reis

Domingo XIX do Tempo Comum - Ano C – 10.08.2025

1ª leitura – Sabedoria 18, 6-9

Salmo – Salmo 32 (33)

2ª leitura – Hebreus 11, 1-2.8-19

Evangelho – Lucas 12, 32-48

Hoje a liturgia da Palavra confronta-nos com uma verdade simples: não somos donos da vida, somos administradores. Isso obriga a uma vigilância real — nada de dormir em pé ou adiar decisões que impliquem a nossa fé cristã.... A Palavra de Deus vem até nós como um toque no ombro — ou melhor, como um abanão — para lembrar: não temos todo o tempo do mundo nem controle absoluto sobre a vida. Somos administradores, não donos (embora sejamos filhos do DONO). Os administradores respondem ao Senhor quando Ele chama.

A primeira leitura recorda a noite da Páscoa: o povo, ainda escravo no Egito, viveu uma noite de espera e vigilância. Eles não viam ainda a liberdade, mas preparavam-se como quem confia totalmente no cumprimento da promessa. Nós também vivemos cercados de sinais de escravidão — vícios, injustiças, preguiça espiritual, fé morna. E a pergunta é: estamos na espera activa da manifestação plena de Deus e do seu Reino, ou apenas “sobrevivendo” religiosamente?

Na leitura da Carta aos Hebreus, o autor recorda-nos que a fé não é fantasia: é “garantia do que se espera, prova das realidades que não se veem”; é firme confiança no cumprimento das promessas. Abraão não teve mapas nem certezas humanas — só a voz de Deus. Sara não tinha condições físicas para gerar, mas Deus disse “sim” e ela acreditou. Abraão e Sara viveram sem ver o futuro, mas acreditando nele — e essa postura foi-nos oferecida como herança e ajuda na construção da nossa fé.

Hoje, muitos querem fé com provas científicas, resultados imediatos e zero frustração. Mas Deus trabalha na confiança e no abandono. A fé verdadeira não se limita ao que o olho vê ou a lógica explica. Se Abraão e Sara caminharam sem garantias, por que chorar pela garantia imediata?

Jesus diz: “Não temas, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino” — uma consolação e, ao mesmo tempo, um estímulo à vigilância constante. Jesus começa com uma palavra de consolação: “Não temas, pequeno rebanho”. Deus quer dar-nos o Reino. Mas logo acrescenta: “Estejam cingidos e com as lâmpadas acesas”. Ou seja: vigilância e prontidão.

A parábola é clara: o Senhor virá, e o servo que estiver desperto e fiel será encontrado como amigo. O que se distrair e aproveitar-se da ausência do Senhor, cairá na ruína.

Somos chamados a estar preparados, com o coração cingido e lâmpadas acesas. Se estivermos acordados e activos, o Reino manifesta-se em nós. Se apodrecermos na letargia, acabamos como servos negligentes.

Portanto, não é hora de ficar confortavelmente sentados no sofá. O Evangelho desafia: deixar o comodismo, abandonar medos velados — como o medo de falhar, de se expor, de comprometer-se de verdade com Deus e com os irmãos. Somos chamados a uma fé desperta, vigilante, que espera, mas também age, à esperança que desafia o presente, à vigilância que transforma.

Vigilância não é paranoia, mas compromisso constante. É viver como se Deus fosse chegar hoje — e não como se tivéssemos décadas para “acertar a vida”.

Questionemo-nos: Onde é que a minha fé se tornou rotina sem vida? Que “amarras do Egito” ainda me prendem? Se o Senhor viesse hoje, encontrar-me-ia desperto ou acomodado?

Uma coisa é certa: Jesus não nos quer adormecidos, acomodados e assustados, mas acordados. O medo paralisa; a nossa fé cristã encoraja-nos, desperta-nos e move-nos.

Hoje, o convite é claro:

Vigiar com esperança; Viver com desapego do supérfluo; Servir sem esperar reconhecimento; Confiar mesmo quando não se vê. Sigamos o exemplo daqueles que nos precederam no caminho da santidade, de maneira especial, hoje, o exemplo de S. Lourenço, cuja confiança em Deus, desapego das riquezas e serviço aos mais frágeis o levou a abraçar com coragem o martírio.

Deus quer entregar-nos o Reino. Não durmamos no hall da entrada...